

09 de julho de 2008

Petróleo: um olhar sobre a oferta e demanda

Nos últimos 5 anos, o preço do barril de petróleo mais do que quadruplicou, passando de US\$30 em 2003, para mais de US\$ 140 nos últimos dias e ainda há quem afirme que esta escalada continue nos próximos meses. A grande diferença do atual choque do petróleo para os demais é que nas crises passadas, os saltos nos preços ocorreram por interrupções temporárias no fornecimento, motivadas por questões políticas. Foi assim, por exemplo, no embargo dos produtores árabes em 1973. Desta vez, a produção mundial avança num ritmo inferior ao da demanda. No caso da China, segundo o consultor Adriano Pires, do Centro Brasileiro de Infra Estrutura, o consumo de petróleo vem crescendo num ritmo superior a 7% ao ano, enquanto a oferta mundial é ampliada em pouco mais de 1% ao ano. Em 2002, o país asiático necessitava de 5,2 milhões de barris ao dia para suprir suas necessidades. Agora, a China bebe diariamente cerca de 7,8 milhões de barris.

Contudo, Tony Hayward, o chefe da BP (British Petroleum), uma das maiores companhias de óleo do mundo, afirma que o petróleo não está em falta. Para firmar seu ponto de vista, ele cita vários números da última edição da “Revisão de Estatísticas da Energia Mundial” da companhia, disponibilizada na quarta-feira, 11 de junho de 2008. Sr Hayward diz que já foi descoberto óleo suficiente para manter o nível de consumo atual por mais 42 anos. Ele recentemente colocou que a humanidade já utilizou aproximadamente 1 trilhão de barris, mas possui o próximo trilhão disponível, e poderia provavelmente descobrir um terceiro trilhão se fosse necessário. Então por que os preços de óleo estão a US\$140 o barril?

Sr Hayward culpa a fraca elaboração de políticas de exploração. Cerca de 80% das reservas de óleo do mundo, ele diz, estão nas mãos de companhias de petróleo estatais, que possuem um certo monopólio para exploração do óleo. Ele acredita que se essas reservas fossem completamente exploradas, o mundo poderia facilmente produzir 100 milhões de barris por dia ou mais. Isso é um grande acréscimo se comparado ao número do ano passado de 82 milhões de barris por dia.

Já no lado da produção, os dados da própria BP mostraram uma situação preocupante, numa primeira impressão. A companhia calcula que a produção mundial caiu 130.000 barris por dia no ano passado. Ainda pior, reservas comprovadas também caíram, em aproximadamente 1.6 bilhões de barris. Isso demonstra que o mundo está consumindo óleo mais rápido do que se está encontrando, mesmo com grandes reservas. Porém Christof Rühl, um dos autores do relatório, aponta que dados das reservas demoram a aparecer. Quando os números mais atualizados chegarem, ele espera que passaremos a ver acréscimos. As reservas mundiais cresceram cerca de 36% desde 1987.

Como explicação para a redução, podemos analisar algumas questões. Desde 2003, quando os Estados Unidos invadiram o Iraque, as tensões só se agravaram por ali. Ao mesmo tempo, outros grandes produtores de outras regiões também passaram por instabilidades políticas e não investiram o suficiente em busca e exploração de novas reservas. A Nigéria, por exemplo, produz hoje apenas 1,5 milhão de barris por dia, o menor volume dos últimos 25 anos. Na Venezuela, Hugo Chávez açoitou as companhias petrolíferas estrangeiras. Atualmente, cerca de 80% das reservas mundiais estão nas mãos de empresas estatais – a maior parte delas pouco disposta a elevar a produção.

Em termos de consumo, também, a BP relata uma cena difusa. A demanda por óleo em países ricos caiu quase 1% no ano passado, o maior declínio desde 1983. Porém nos países emergentes, a demanda cresceu acima de 4%, especialmente porque o desenvolvimento da economia está crescendo mais rápido do que aqueles do primeiro mundo. Mas subsídios pelo consumo de combustível também têm uma grande contribuição para isso. De acordo com Sr Rühl, o consumo está caindo em países com altos impostos e subindo lentamente onde os impostos são mais moderados. Porém em países com subsídios, o consumo está crescendo mais rápido

do que o normal. No México, onde o combustível também é subsidiado, o litro da gasolina custa o equivalente a 1 real. Por causa dos preços baixos, tornou-se comum encontrar americanos que cruzam a fronteira para encher o tanque no país vizinho (nos Estados Unidos, a gasolina já subiu 20% nos últimos doze meses).

Em outras palavras, a raiz do alto preço do petróleo na opinião da BP não é causada pela falta de harmonia entre a forte demanda e o fraco fornecimento, mas a falha por parte dos governos em permitir que os mercados realizem seus ajustes de preço, produção e consumo. Existem pistas de uma melhora no lado da demanda. Muitos governos asiáticos recentemente decidiram que não vão manter tantos subsídios. A China, recentemente, decidiu reajustar em 17% o preço da gasolina. O país gastou no ano passado 22 bilhões de dólares em subsídios. Porém, do lado da produção é difícil de imaginar que países nacionalistas importantes produtores de petróleo de repente abram suas portas para investimentos estrangeiros. Isso obriga os investimentos das petrolíferas a se concentrarem em projetos onde o acesso ao óleo é mais difícil: o Ártico ou águas profundas, por exemplo. O desenvolvimento de tais campos têm tido problemas de atraso por causa da escassez de materiais e equipamentos. Já os especuladores, os quais têm sido responsáveis pela grande volatilidade do preço do petróleo, acreditam que esses estrangulamentos irão impedir que a produção mundial de petróleo mantenha o mesmo ritmo de crescimento do consumo do óleo nos próximos anos, o que deve manter o preço da commodity em um alto patamar nos próximos meses.

**Fonte: “Plenty in the tank”, Economist.com 11 de Junho de 2008.
“O petróleo nunca mais será barato” Revista Veja, de 02 de julho de 2008.**

Disclaimer

Nossas indicações são de caráter exclusivamente informativo, expressando opiniões pessoais baseadas em dados fundamentalistas, de forma que não nos responsabilizamos por eventuais perdas de capital do investidor/leitor. A decisão por tipo de investimento é de responsabilidade do cliente. Os dados financeiros foram obtidos através de fontes disponíveis no mercado financeiro, sendo que a Solidus se reserva o direito de fazer eventuais correções, sem prévio aviso. O relatório foi elaborado de forma independente e autônomo, inclusive em relação a Solidus SA CCVM.

O analista responsável pelo presente relatório declara que:

- a) As sugestões (recomendações) aqui mencionadas refletem única e exclusivamente opiniões pessoais e foram elaboradas de forma independente e autônoma inclusive em relação a Solidus SA CCVM;
- b) Não mantém vínculo com qualquer pessoa natural que atue no âmbito das companhias cujos valores mobiliários foram alvo de análise no relatório divulgado;
- c) A Solidus SA CCVM não possui em suas carteiras administradas quantidade igual ou superior a 1% do capital social da empresa analisada, e não está envolvida na aquisição, alienação e intermediação de tais valores mobiliários no mercado;
- d) Não possui quantia igual ou superior a 5% de seu patrimônio pessoal investido em ações da empresa objeto de estudo, e não está envolvido na aquisição, alienação e intermediação de tais valores mobiliários no mercado;
- e) Não recebe ou recebeu remuneração por serviços prestados ou apresenta relações comerciais com quaisquer das companhias cujos valores mobiliários foram alvo da análise no relatório divulgado, ou pessoa natural ou pessoa jurídica, fundo ou universalidade de direitos, que atue representando o mesmo interesse desta companhia;
- f) Sua remuneração ou esquema de compensação do qual é integrante não está atrelado às precificações de quaisquer dos valores mobiliários emitidos por companhias analisadas no relatório. O analista esclarece que, assim como outros funcionários da SOLIDUS SA CCVM, recebe bonificações semestrais de acordo com o desempenho da SOLIDUS, mas a sua bonificação está vinculada ao desempenho da Solidus e não com as indicações realizadas.

Maiores Informações – ☎ Ligue 3327-9888